

**CONEXÃO**  
**ESPÓS**  
**SOLIDARIEDADE NA PESQUISA**  
**E PERSPECTIVAS DE DOCÊNCIA**

Roseli Figaro  
Gean Gonçalves  
(Organizadores)

São Paulo  
ECA-USP  
2019

## Expediente

### Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Vahan Agopyan  
Reitor  
Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez  
Vice-Reitor

### Escola de Comunicações e Artes

Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro  
Diretor  
Profa. Dra. Brasilina Passarelli  
Vice-Diretora  
Profa. Dra. Vânia Mara Alves de Lima  
Presidente da Comissão de Pós-Graduação

### Comissão Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação

Profa. Dra. Roseli Aparecida Figaro Paulino  
Coordenadora  
Prof. Dr. Eneus Trindade Barreto Filho  
Vice-Coordenador

Profa. Dra. Maria Aparecida Ferrari (titular)  
Profa. Dra. Maria Cristina Palma Mungioli (titular)  
Prof. Dr. Wagner Souza e Silva (titular)  
Gean Oliveira Gonçalves (representante discente titular)

Profa. Dra. Claudia Lago (suplente)  
Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly (suplente)  
Prof. Dr. Luiz Alberto Beserra de Farias (suplente)  
Beatriz Sequeira de Carvalho (representante discente suplente)

---

### Catálogo na Publicação

#### Serviço de Biblioteca e Documentação

#### Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

C743                      Conexão pós: solidariedade na pesquisa e perspectivas de docência [recurso eletrônico] /  
Roseli Fígaro, Gean Gonçalves (organizadores) – São Paulo: ECA-USP, 2019.  
187 p.

ISBN 978-85-7205-264-1

1. Comunicação 2. Comunicação – Pesquisa I. Título II. Fígaro, Roseli III. Gonçalves,  
Gean

CDD 23.ed. – 302.2

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado CRB-8/6194

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

# O desafio da observação no mundo do trabalho dos carregadores da CEAGESP<sup>1</sup>

*Jamir Osvaldo Kinoshita*

Jornalista formado pela PUC-SP, com pós-graduação lato sensu em Gestão de Processos Comunicacionais pela ECA-USP. Consultor de comunicação especializado em gestão de crises e professor da Faculdade de São Paulo/UNIESP. É mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na ECA-USP, na área de concentração Teoria e Pesquisa em Comunicação, linha de pesquisa Epistemologia, Teoria e Metodologia da Comunicação, sob orientação da Profa. Dra. Roseli Figaro. Integrante do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da ECA-USP. E-mail: kinoshita.jamir@gmail.com.

**Resumo:** A importância do percurso metodológico nos estudos no campo da comunicação é o tema dessa apresentação, que mostra como o aporte científico foi determinante para a conclusão da pesquisa sobre o mundo do trabalho dos carregadores da CEAGESP. A opção por realizar uma pesquisa exploratória, a partir da observação de campo, propiciou entender como essa atividade braçal extremamente árdua, ao ser permeada pela comunicação, contribui para a formação identitária desses trabalhadores.

**Palavras-chave:** Observação. Carregadores. Comunicação. Trabalho. CEAGESP.

## Introdução

O trabalho que apresentamos é o recorte de uma pesquisa maior, que analisa a imbricação da comunicação e do mundo do trabalho, tendo como objeto de estudo os carregadores autônomos que atuam na CEAGESP<sup>2</sup>. Mais que isso, representa a explicitação do modelo metodológico adotado ao longo da investigação empreendida e o quanto a sua construção se demonstrou fundamental para alcançarmos nossos objetivos.

Desse modo, o intuito é discorrer acerca da importância dos procedimentos epistemológicos disponibilizados e aplicados em uma pesquisa que entende o binômio comunicação e trabalho na perspectiva da ontologia do ser social (FIGARO, 2009).

A menção no título à ideia de desafio pressupõe não os percalços ocorridos durante o processo

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance code 001.

<sup>2</sup> A Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP) foi criada em 1969, a partir da fusão de duas empresas que pertenciam ao Governo do Estado de São Paulo: o Centro Estadual de Abastecimento S/A (Ceasa) e a Companhia de Armazéns Gerais de São Paulo (Cagesp). Ela passou a ser gerida pela União em 1997, estando ligada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

científico, que de fato aconteceram, mas sim as descobertas que emergiram na exploração de campo realizada, as quais nos permitiram trilhar um percurso metodologicamente seguro e coerente com o cotidiano laboral dos carregadores.

### **Preâmbulos**

Antes de adentrarmos à discussão a que nos propusemos nesse trabalho, convém pontuarmos os cenários envolvidos na investigação. Inicialmente, vale reforçar que a CEAGESP é uma empresa federal que tem como atividades básicas a armazenagem de produtos alimentícios *in natura* e a entrepostagem (depósito ou venda de mercadorias), com foco no atacado. Para tanto, ela conta com 18 armazéns e 13 entrepostos espalhados pelo Estado de São Paulo.

Dentro dessa rede de unidades, a mais importante é a que está localizada na Vila Leopoldina, na zona oeste da capital paulista. Trata-se do Entrepasto Terminal São Paulo (ETSP), que é a maior central de abastecimento da América Latina de frutas, legumes, verduras, flores, pescados e diversos (alho, batata, cebola, coco seco e ovos). Não raro, o espaço é tratado, erroneamente, pelo nome da estatal, o que se explica pelo fato de lá também ficar a sede administrativa da CEAGESP.

Justamente no ETSP é que encontramos os 3.800 carregadores, alvo de nosso estudo. A escolha por fixarmos nossa análise nos profissionais da central paulistana (há carregadores nos demais entrepostos) se deveu à importância do lugar, que recebe diariamente 50 mil pessoas e 12 mil veículos, e à sua proximidade geográfica ao pesquisador. Além disso, no lugar temos a sede do Sindicato dos Carregadores Autônomos em Centrais de Abastecimento do Estado de São Paulo (Sindicar).

A entidade sindical exerce um papel de destaque, já que é ela quem administra, inicialmente, a entrada de novos profissionais interessados em trabalhar no carregamento interno de mercadorias.

Todos os carregadores são vinculados ao Sindicar, que cobra mensalidade para que eles possam guardar, em um galpão de 200 m<sup>2</sup>, seu principal instrumento de trabalho, que são os carinhos de madeira, capazes de suportar até 300 quilos de carga. Do total de trabalhadores, 2 mil são filiados ao sindicato, o que lhes garante, entre outros benefícios, atendimento odontológico local com desconto no valor do tratamento. É a instituição ainda que atua (no boca a boca) como principal elo de informação sobre a CEAGESP para a categoria.

### **Mas por que estudar os carregadores?**

A investigação em questão é fruto da observação prática do pesquisador, que trabalhou na Coordenadoria de Comunicação e Marketing da companhia federal, ocasião em que travou contato diretamente com o cotidiano dos carregadores. Isso possibilitou constatar como esses profissionais desempenham uma função que extrapola a atividade braçal, árdua e cansativa, e que tem uma dimensão social e política primordial, muitas vezes não percebida por eles na interlocução estabelecida com os diversos públicos do ETSP.

A partir de levantamento preliminar sobre textos acadêmicos, notamos a originalidade do estu-

do, uma vez que localizamos a incidência de conteúdos que referenciam a CEAGESP exclusivamente pelo viés das mercadorias que circulam pelos entrepostos e armazéns. A única pesquisa existente sobre os carregadores retrata sua ação no mercado paulistano por um panorama marcado por um forte fluxo migratório (GOMES, 2007), foco bem diferente ao que nos propusemos.

Daí que o problema que nos levou a empreender a pesquisa foi a busca por fundamentações empíricas que pudessem embasar, com maior e melhor propriedade, a relevância e o *modus operandi* do trabalho dos carregadores, que víamos de maneira meramente prática quando de nossa passagem pela CEAGESP.

Soma-se a isso outra questão que também passou a nos intrigar: partindo da perspectiva de que “[...] as representações sociais são uma forma de conhecimento prático, socialmente construído para dar sentido à realidade da vida cotidiana [...]” (MACHIN; COUTO; ROSSI, 2009, p. 641), cabe indagar em que medida a comunicação se relaciona com o trabalho, contribuindo para a formação identitária desses profissionais, de modo que eles se reconheçam como trabalhadores à frente de um serviço importante.

Dessa conjuntura decorreu o objetivo geral da investigação, que foi compreender, *stricto sensu*, como ocorre a imbricação entre a comunicação e o mundo do trabalho no dia a dia dos carregadores autônomos que atuam no ETSP da CEAGESP. A decisão ganhou mais enlevo ainda ao verificarmos que a norma interna da empresa prevê que somente eles podem realizar a movimentação de mercadorias dentro dos entrepostos.

### **O cuidado epistemológico**

Uma vez apresentados a justificativa e o objetivo de nosso estudo, passamos agora a explicitar metodologicamente o motivo que nos embasou a desenvolver o trabalho que ora apresentamos, o qual é resultado direto do que aferimos na pesquisa exploratória que realizamos. Relevante pontuar que a compreensão do ordenamento dos três cenários listados anteriormente foi essencial para chegarmos ao *locus* da atividade laboral dos carregadores.

Nesse sentido, urge apontar o cuidado que tivemos com a crítica, notória até em certas circunstâncias, que envolve a investigação científica no campo da comunicação, advinda de outras áreas de conhecimento justamente pela falta de problematização da prática da pesquisa.

Dessa situação resultaram dois procedimentos, a começar pelo aprofundamento sobre as características do discurso científico, “[...] uma vez que pouco se ganha se não pudermos perceber com maior clareza os problemas particulares ou internos que dizem respeito à produção do conhecimento nesse campo das Ciências Sociais, em especial aos problemas metodológicos.” (LOPES, 2001, p. 89)

O outro ponto a que nos ativemos foi a devida atenção à reflexão epistemológica que, ao se desenvolver internamente à lógica da pesquisa que efetivamos, encarregou-se de renovar, continuamente, as operações das quais lançamos mão e que asseguraram a cientificidade da própria prática empregada (LOPES, 2001, p. 121).

A acuidade que tivemos em nosso estudo pode ser medida pela nossa opção por seguir a diretriz de Pierre Bourdieu (1998), que aponta ser necessário o trabalho de campo deixar ao máximo invisível a figura do cientista enquanto intervenção viciada de uma suposta observação científica.

O sociólogo pode obter do pesquisado mais distanciado de si socialmente que ele se sinta legitimado a ser o que ele é se ele sabe se manifestar, pelo tom e especialmente pelo conteúdo de suas perguntas as quais, sem fingir anular a distância social que o separa de si (diferente da visão populista que tem como ponto cego seu próprio ponto de vista), ele é capaz de se colocar em seu lugar em pensamento. (BOURDIEU, 1998, p. 699)

Tal postura refletiu-se diretamente na decisão de não identificarmos, junto a determinados interlocutores, a nossa passagem profissional pela CEAGESP. A finalidade foi evitar ao máximo o estabelecimento de uma postura próxima a dados e visões já pré-concebidos, que pudessem conferir uma pretensa (e falsa) autenticidade aos fatos levantados empiricamente.

A medida não significou que deixamos de lado noções adquiridas na prática em favor de uma imersão no trabalho científico. Afinal, “[...] a prática não necessariamente precisa estar dissociada da teoria, ou seja, teoria e prática podem andar juntas servindo como complemento uma da outra.” (ISER, 2006, p. 193) No estudo, representou tão somente um zelo maior quanto ao significado do papel social da investigação em questão.

Assim, mantivemos sigilo nos contatos estabelecidos com as direções do Sindicato dos Permissãoários em Centrais de Abastecimento de Alimentos do Estado de São Paulo (Sincaesp) e do Departamento de Entrepasto da Capital (DEPEC), que gerencia o ETSP e representa a voz oficial da estatal. A exceção, além do Sindicar, foi a Coordenadoria de Comunicação e Marketing, cujos integrantes já conheciam o pesquisador e a quem recorreremos para obter autorização formal de acesso aos espaços visitados em nossas observações.

### **O percurso metodológico**

O pontapé inicial ao trabalho foi uma reunião presencial, em março de 2017, com um dos principais dirigentes do Sindicar, com o objetivo de apresentar a investigação envolvendo os profissionais do entreposto paulistano. Na semana seguinte, ainda no mesmo mês, como decorrência dessa primeira agenda, tivemos um encontro ampliado com a participação do presidente da entidade sindical e de outros diretores, quando conseguimos formalizar a autorização e a colaboração do sindicato em nossa pesquisa, o que se mostrou um facilitador na interlocução junto aos carregadores.

O passo seguinte consistiu em uma entrevista, devidamente gravada, com um integrante da diretoria designado para passar dados mais gerais e outros específicos acerca da esfera de trabalho da categoria e da própria entidade. Algo significativo que levantamos, e que já merece ser salientado, é que praticamente todos os diretores, além de darem expediente no sindicato, ainda atuam no carregamento de mercadorias no ETSP.

De imediato, tiramos como resultado dessa conversa duas decisões de ordenamento metodológico. Primeiramente, a não utilização de questionário impresso para gerar um *corpus* de dados sobre os carregadores, que não se sentem confortáveis em responder material desse tipo por uma série de dificuldades, que vão desde a desconfiança de que as informações escritas possam ser usadas com outra intenção, inclusive pela CEAGESP (há um quadro histórico de desconforto na relação com a direção da empresa federal), passando pela falta de tempo para se dedicarem a essa tarefa, até à dificuldade que muitos dos trabalhadores poderiam ter em relação à compreensão das perguntas.

O segundo ponto aferido foi a necessidade de se promover uma observação de campo da categoria, baseada nos tipos de mercadorias transportadas, seguindo especificação passada pelo nosso entrevistado: flores, pescado e hortifrutícolas. A explicação é que há uma maneira

específica para lidar com cada um desses gêneros, o que é feito de um jeito sistematicamente prático e, muitas vezes, sem a devida percepção por parte do próprio carregador. Por sinal, isso pode se tornar um diferencial na hora de se escolher um profissional, e não outro, para o carregamento de mercadorias.

### **Enfim, a observação de campo**

A observação de campo que realizamos dividiu-se em duas etapas distintas. A primeira, de caráter mais geral, começou no segundo semestre de 2017, sendo mais intensificada no início de 2018. A outra, que consistiu no acompanhamento mais específico da rotina de trabalho de dois profissionais que carregam, respectivamente, flores e pescados, ocorreu na primeira semana de fevereiro de 2019. As visitas iniciais se deram sem aviso prévio à direção da estatal. Já as demais contaram sempre com o conhecimento e autorização formal da companhia.

Em todas as ocasiões, o pesquisador fez registros de imagens fotográficas, de maneira discreta, que demonstram a dinâmica dos espaços de comercialização e o cotidiano da atividade laboral dos carregadores. Procurou-se também ouvir, de forma indireta, os comentários dos próprios trabalhadores acerca de sua profissão – tudo organizadamente anotado em diário de campo próprio.

Além de registrar situações e questões nem sempre apreendidas pela memória, o diário pode revelar, em um outro momento, caminhos preciosos. Ele também é um recurso importante para registrar formas de comunicação, que instrumentos tecnológicos nem sempre captam: as emoções, as sensações, os comportamentos kinésicos, e traz para a pesquisa dimensões vitais e, muitas vezes, negadas pelo saber científico (MARIN, 2006, p. 86).

Ainda no primeiro semestre de 2017, solicitamos formalmente, por telefone e e-mail, informações e entrevistas com o Sincaesp e o DEPEC, ambas negadas. Mantivemos oito contatos, de abril a junho, com a direção dos permissionários, e 13, no mesmo período, com o departamento que gerencia o ETSP. Os dois posicionamentos, somados ao temor de ficarmos restritos exclusivamente à visão do Sindicar, reforçaram a necessidade da observação de campo para a realização de uma pesquisa exploratória:

(...) a pesquisa exploratória é um movimento fundamental. A aproximação empírica ao fenômeno estudado permite divisar especificidades do que se investiga, o que traz desdobramentos em termos do refinamento/redefinição do problema, de tensionamento das proposições teóricas e de sua delicada construção para a especificidade do problema investigado. Esse procedimento também possibilita gerar elementos para embasar as opções referentes à amostragem da pesquisa e à definição por procedimentos de coleta de dados. (BONIN, 2006, p. 28)

Com base nessa observação *in loco* do ofício cotidiano dos carregadores é que conseguimos estabelecer critérios para o desenvolvimento da pesquisa. Tal método serviu para sistematizar e, por vezes, reordenar nossos passos. Como consequência, decidimos não incluir os trabalhadores dos setores de legumes, verduras e frutas.

A opção resultou de visita que fizemos para acompanhar essa atividade específica. Como a

operação de compra e venda de hortifrútícolas acontece no período diurno, quando o fluxo de pessoas e veículos é bem intenso, percebemos a dificuldade para acompanhar o deslocamento de tais carregadores, devido à falta de segurança na locomoção, inclusive para registro de imagens fotográficas. Daí termos delimitado nossa observação às flores e ao pescado, cujas comercializações ocorrem de madrugada.

[...] as incursões exploratórias permitem obter dados que ajudam a construir e a fundamentar a opção por tal amostra/corpus; possibilitam experimentar e mesmo testar a adequação de procedimentos e de técnicas de coleta de dados na concretude do objeto empírico, dando sustentação a redesenhos de procedimentos e a invenções metodológicas que atendam aos requerimentos do objeto/problema [...] (BONIN, 2006, pp. 36-37)

Durante as primeiras observações, havíamos cogitado promover conversas informais com os carregadores para se dispor de dados mais concretos, sem aprofundamentos epistemológicos, mas que já garantissem material para a entrevista em profundidade que promovemos. Reordenamos essa ideia por termos verificado, em visitas posteriores, o quão difícil é fazer esse tipo de abordagem, dado o fato de que os profissionais têm sua atenção toda voltada a conseguirem obter a maior quantidade possível de carregamentos ao longo do período que dura a comercialização das mercadorias.

Na Feira de Flores, costumam atuar com maior frequência os profissionais mais idosos, que demonstram melhor delicadeza para lidar com esse tipo de mercadoria. Soma-se a isso também o fato de o peso transportado ser mais leve do que a locomoção convencional de hortifrútícolas:

Na Feira de Flores trabalham as pessoas mais idosas. Por quê? Porque tem gente que é mais idoso e não vai aguentar descarregar um caminhão de laranjas. Ele não vai aguentar descarregar um caminhão de batatas. Chega um tempo que ele faz aquele que é mais em conta<sup>3</sup>.

As imagens a seguir ilustram um pouco do que é essa atividade.

**Figura 1**



Fonte: do autor.

<sup>3</sup> Informação passada pelo diretor do Sindicar em entrevista aprofundada.



Figura 2



Fonte: do autor.

Em relação ao pescado, a escolha se deu justamente pelo tipo de carregamento, que demanda cuidado extremo e muita força física, pois os peixes e frutos do mar são levados em grandes quantidades e em enormes vasilhas de plástico ou de isopor abertas e cobertas muitas vezes com gelo:

[...] a diferença do peixe é que é mais demorado. Você vai no caminhão, pega a caixa vazia, 25 caixas, traz para o peixe, vai andar com elas, virar o peixe na caixa e levar para o caminhão. Quando não tem a caixa, você vai carregar, você vai circular na praça, carregar, levar para o portão e lá vai esperar ou vai buscar a caixa no caminhão e vai virar a caixa com o peixe. Demora mais de uma hora<sup>4</sup>.

Os registros fotográficos que fizemos mostram a dinâmica desse carregamento.

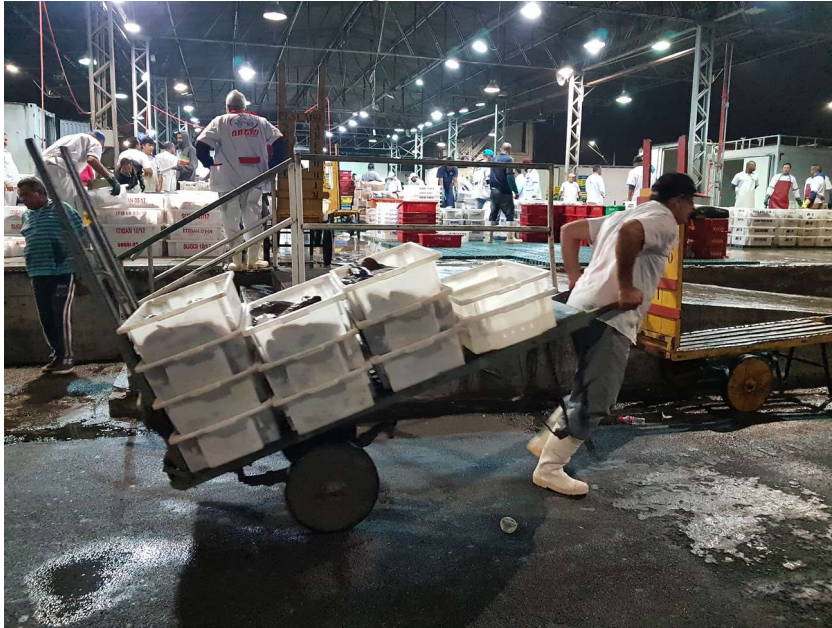
Figura 3



Fonte: do autor.

<sup>4</sup> Passagem extraída da entrevista aprofundada com o representante do Sindicar.

Figura 4



Fonte: do autor.

A tabela que montamos dá uma noção de como foram as observações de campo.

<b>DATA</b>	<b>LOCAL VISITADO</b>	<b>ATIVIDADE</b>	<b>CONSIDERAÇÕES</b>
20/21 de julho de 2017	Feira de Flores <sup>5</sup>	Observação de campo	Registros de imagens e em caderno de anotação
22/23 de janeiro de 2018	Feira de Flores	Observação de campo	Registros de imagens e em caderno de anotação
26 de janeiro de 2018	Pátio do Pescado <sup>6</sup>	Observação de campo	Registros de imagens e em caderno de anotação
29 de janeiro de 2018	Pátio do Pescado	Observação de campo	Registros de imagens e em caderno de anotação
6 de fevereiro de 2018	Pátio do Pescado	Observação de campo	Registros de imagens e em caderno de anotação
28 de fevereiro de 2018	Hortifrutícolas	Observação de campo	Registros de imagens e em caderno de anotação
1/2 de março de 2018	Feira de Flores	Observação de campo	Registros de imagens e em caderno de anotação
4/ 5 de fevereiro de 2019	Feira de Flores	Observação de campo específica	Registro de imagens e caderno de anotação
7 de fevereiro de 2019	Pátio do Pescado	Observação de campo específica	Registro de imagens e caderno de anotação

Fonte: do autor.

<sup>5</sup> A Feira de Flores ocorre às terças e sextas-feiras, das 0h às 9h30, ou seja, de segunda para terça-feira e de quinta para sexta-feira.

<sup>6</sup> A comercialização de peixes e frutos do mar acontece de terça a sábado, das 2h às 6h.

Importante destacar que nas duas observações de campo específicas, os trabalhadores foram selecionados com auxílio do Sindicar. A escolha foi aleatória, com base na indicação de trabalhadores que estavam no galpão do sindicato. A abordagem, a partir daí, ficou a cargo do pesquisador, que explicou o intuito da ação desenvolvida.

Cumpre salientar que procedemos também à avaliação dos registros fotográficos obtidos na observação. A utilização das imagens como polo de análise teve como parâmetro o fato de que elas trazem em si a representação simbólica de um determinado assunto (KOSSOY, 1980, p. 30):

[...] uma fotografia original não é apenas uma imagem e sim um objeto-imagem, o qual pode fornecer, além do inventário de informações visuais que compõem o conteúdo da imagem fotográfica, uma série de informações escritas (manuscritas e impressas) que geralmente dizem respeito ao conteúdo, podendo trazer alguma luz ao mesmo, bem como, à autoria da representação [...]

O último passo consistiu na realização de entrevistas em profundidade com cada um dos profissionais destacados. Essas conversas, assim como as duas que mantivemos com o diretor da entidade sindical, ocorreram na sede da instituição, seguindo uma combinação entre os formatos clínica e centrada, sendo devidamente transcritas para a análise empírica dos discursos, que ajudaram a fundamentar epistemologicamente o estudo.

Na ocasião das conversas travadas com os profissionais observados, exibimos as imagens deles feitas por nós acerca de sua atividade laboral, de modo a verificar se eles se reconheciam enquanto trabalhadores e aferir as suas reações ao se verem retratados imageticamente.

Convém pontuar que a análise das entrevistas colocou em evidência os discursos proferidos nesse mundo do trabalho, propiciando compreender a significância assumida pela comunicação nas relações que os carregadores mantêm com os demais interlocutores do entreposto paulistano. Afinal, “[...] os discursos são inseparáveis de seu contexto de produção e de enunciação [...]” (POUPART, 2008, p. 244), o que demonstra a necessidade de se apreender como aparecem as “[...] condições de produção do discurso [...].” (POUPART, 2008, p. 244) Isso nos permitiu desvendar o papel social que os carregadores assumem na própria estrutura empresarial da CEAGESP.

### **Considerações finais**

O exercício da observação de campo, nesse trabalho que apresentamos, representou o elo crucial para o andamento e a finalização adequada da pesquisa empírica sobre a imbricação entre a comunicação e o mundo do trabalho dos carregadores da CEAGESP. Fazemos jus à seguinte explicação dada por Lopes:

As técnicas de pesquisa são instrumentos por meio dos quais são obtidas ou coletadas as informações ou dados brutos da pesquisa. Elas são propriamente técnicas de observação ou de investigação (questionário, entrevista, história de vida etc.), no que se diferenciam das técnicas de análise (tabulação e classificação) que lhes sucedem [...] Uma vez escolhidas, as técnicas conferem um significado epistemológico ao tratamento do objeto e um significado teórico aos problemas que se apresentam ao objeto. (LOPES, 2001, pp. 146-147)

Ficou patente a nós que a escolha pela exploração de campo realizada possibilitou que depre-

endêssemos melhor o significado do aporte epistemológico em uma pesquisa de comunicação como a nossa.

Entre outros pontos, evidenciamos a necessidade do saber e fazer metodológico, o exercício da vigilância epistemológica ou da crítica do conhecimento do que se está produzindo, a precisão dos questionamentos aos obstáculos no tocante à metodologia que se apresentam no processo de investigação, além das opções e decisões que caracterizam esse trabalho e o atrelam à responsabilidade científica do pesquisador (LOPES, 2001, pp. 159-161).

A discussão sobre o percurso metodológico a que nos propusemos nessa apresentação deixa claro que mais do que os desafios, como mencionamos no título e até comentamos ao longo do artigo, são os avanços epistemológicos, advindos da prática sistemática da pesquisa, que nos permitem perfazer uma trajetória científica adequada ao nosso objeto de estudo.

## Referências

BONIN, Jiani Adriana. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação** – Olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

FIGARO, Roseli. Atividade de comunicação e trabalho. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, v. 6, n. 1, 2008.

GOMES, Sueli de Castro. **O território de trabalho dos carregadores piauienses no Terminal da CE-AGESP**: modernização, mobilização e a imigração. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas — Universidade de São Paulo.

ISER, Fabiana. Pesquisa exploratória: a relevância da aproximação empírica para as definições da pesquisa. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação** – Olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

KOSSOY, Boris. **A fotografia como fonte histórica**: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado. São Paulo: Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo, Coleção Museu & Técnicas, n. 4, 1980.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

MACHIN, Rosana; COUTO, Márcia Thereza; ROSSI, Cintia Cristina Silva. Representações de trabalhadores portuários de Santos-SP sobre a relação trabalho-saúde. **Revista Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 18, n. 4, 2009.

MARIN, Elizara Carolina. O ofício da pesquisa: processos do fazer. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação** – Olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa** – Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1980.